

um serviço de
**FRIEDRICH
EBERT
STIFTUNG**



produzido por

CESI

Consultoria Econômica Social Integrada



com o apoio de



n. 61 – 1 a 15 de julho de 2008

Integração Sulamericana: Mercosul Unasul CAN

Ministros do Mercosul são contra tentativa de criar novas cotas na OMC

O ministro de Relações Exteriores, Celso Amorim, afirmou que retrocessos na postura dos países desenvolvidos podem tornar mais árduo o caminho para um acordo na Rodada Doha, embora acredite que seja possível chegar a um entendimento no encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC) marcado para o próximo dia 21 de julho, em Genebra.

"Estou realista: achando que é possível, mas sabendo que não é fácil. É assim que vamos entrar lá", disse Amorim, que participou ontem de encontro com representantes de Argentina, Paraguai e Uruguai, no Rio de Janeiro, para fechar a posição do bloco de países para a negociação.

Quanto ao item acesso a mercados de produtos agrícolas, o ministro disse que não houve avanços em relação ao texto anterior, principalmente no tocante à áreas de interesse para o Mercosul. O chanceler brasileiro frisou que, entre os retrocessos, está a tentativa de países desenvolvidos de proteger com cotas produtos que não tinham essa garantia na Rodada Uruguai. O principal receio do setor agrícola é que os países ricos solicitem a criação de cotas de importação para o etanol. O tom de encontro foi de que os países desenvolvidos precisam dar maior flexibilidade à questão agrícola. "Os desenvolvidos têm que fazer o maior esforço e, nos documentos que temos, isso não está claro", disse o chanceler argentino, Jorge Taiana. (*Valor Econômico*, 15/07/08)

Globalização e Comércio

Lamy faz apelo para conclusão da Rodada Doha

Alertando para as "nuvens negras" que cercam a economia mundial, o diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC), Pascal Lamy, pediu esforço coletivo para que haja um acordo na reunião da próxima semana em Genebra, quando ministros das principais potências comerciais tentarão concluir sete anos de negociações da Rodada Doha.

Em meio às perspectivas globais preocupantes, Lamy vê sinais positivos no Brasil. Segundo ele, o país vive um período de "transformação econômica", embalado pelo aumento no preços das matérias-primas, o forte investimento na indústria e a elevação do consumo:

– Quando olho para números do comércio, vejo que as exportações do país aumentaram enormemente, sobretudo na agricultura, beneficiadas pelo aumento da competitividade e a disparada dos preços.

A importação também cresceu, acrescentou Lamy, por dois motivos: o aumento do consumo doméstico – "os pobres estão um pouco menos pobres" – e o investimento em máquinas e equipamentos. Os comentários foram feitos ontem, durante o lançamento do relatório anual da OMC. A entidade manteve a previsão divulgada em abril, de 4,5% de crescimento para o

comércio mundial em 2008, contra 5,5% no ano passado e 8,5% em 2006. (Jornal do Brasil, 16/07/08)

Emergentes vão responsabilizar G-8 pela alta dos alimentos e do petróleo

O grupo das cinco economias emergentes (G-5) vai dizer hoje, na reunião com o G-8, que a especulação com os preços dos petróleo e dos alimentos é um problema dos países ricos. E vai cobrar a adoção de mecanismos de controle sobre o movimento de capitais especulativos nesses dois mercados futuros (petróleo e alimentos) e de supervisão de políticas macroeconômicas. O G-5 não prega nenhum tipo de "dirigismo econômico", mas reclama da regulação pífia do mercado financeiro dos ricos, o que levou, por exemplo, à crise imobiliária dos EUA, o subprime.

Durante um rápido encontro preparatório, ontem, na cidade de Sapporo, os chefes de Estado da África do Sul, do Brasil, da China, da Índia e do México concordaram que, apesar da relevância da discussão sobre a mudança climática, a prioridade do mundo em desenvolvimento está no desafio de curto prazo de combate à alta dos preços das commodities agrícolas e do petróleo e à conseqüente escalada mundial da inflação.

Durante a discussão, partiu do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do primeiro-ministro da Índia, Manmohan Singh, a sugestão de impor maior vigor na mensagem do G-5, de que as economias em desenvolvimento não devem pagar a conta dos problemas macroeconômicos e da ineficiente regulação dos países mais ricos sobre o sistema financeiro - referência aos efeitos da crise no sistema americano de financiamento imobiliário, o subprime - e o mercado futuro de capitais - menção à nova onda de especulação.

Esse recado havia sido ensaiado por Lula na última reunião de cúpula do Mercosul, na Argentina, com apoio de seus colegas sul-americanos. O chanceler brasileiro resumiu de forma franca a opção do G-5. "Todos trabalhamos para evitar o aquecimento global. Mas temos um problema grave, que diz respeito aos preços do petróleo e dos alimentos e da inflação, e não podemos deixar que isso desapareça", afirmou. Segundo Amorim, não se trata de sugerir ao G-8 fórmulas de "dirigismo econômico" para limitar o movimento especulativo sobre os mercados futuros de alimentos e de petróleo. Mas de propor a maior coordenação das políticas financeiras adotadas pelos países desenvolvidos e as economias em desenvolvimento e de pressionar para que o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird) planejem programas para reduzir o impacto da alta dos preços dessas commodities. *Folha de São Paulo, 09/07/08*

Descontraídos, Lula e Bush apóiam Doha

Os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e George W. Bush se reuniram ontem (09/07) no Japão sob um clima de descontração para expressar apoio ao avanço da Rodada Doha. Bush sinalizou a Lula que está "muito decidido" a alcançar um acordo agrícola e industrial na Rodada Doha em duas semanas. Por sua vez, Lula deixou claro seu engajamento na negociação global, mas alertou que "não vai vender o Mercosul", ou seja, qualquer acordo precisa levar em conta flexibilidades para o bloco e não tentar dividir seus quatro sócios. Lula assinou também uma nota com o premiê britânico, Gordon Brown, na qual exortam os países a agirem com "firmeza" imediatamente para fechar um acordo que "está mais perto do que nunca".

Este pode não ter sido a última reunião entre os dois. A Casa Branca sondou Brasília para eventual participação de Bush na grande conferência sobre o etanol que o Brasil vai organizar em novembro.

Para Brown, "o que é novo é que o Brasil deixou claro hoje (ontem) que quer um acordo". A França também teria mostrado maior disposição. Analistas crêem que a última chance para a assinatura de Doha antes de Bush deixar o cargo em janeiro será a reunião em Genebra no dia 21 entre EUA, União Européia, Índia, Brasil e outros.

No encontro, Lula falou ainda da alimentos e disse que o Brasil ajuda Cuba e Venezuela a aumentarem a produção de soja. Bush teria reagido com um "muito bem". *Valor Econômico, 10/07/2008*

Argentina e Índia rejeitam concessões

Ontem (04/07), em Buenos Aires, o negociador argentino, Alfredo Chiaradia, e o secretário de Comércio da Índia, Gopal Pillai, divulgaram nota conjunta com fortes críticas aos textos preliminares da OMC, classificados pelo ministro brasileiro, Celso Amorim, como "uma boa base" para as negociações.

A disposição dos empresários e do governo brasileiro de fazer maiores concessões na negociação para liberalização comercial na Organização Mundial de Comércio (OMC) incomoda a Argentina. O país articula com a Índia uma resistência aos esforços do Brasil para facilitar um acordo em Genebra. Segundo se queixam os argentinos, em conversas reservadas, o Brasil está se "afastando" da posição defensiva dos países em desenvolvimento, que, até recentemente, rejeitavam maiores avanços na derrubada de tarifas de produtos industriais.

"É totalmente inaceitável", diz a nota bilateral, ao referir-se às propostas de abertura do mercado para produtos industriais, no rascunho do acordo que está em discussão em Genebra.

Os secretários argentino e indiano vão mais além, na nota e "rejeitam" a proposta de vincular abertura de mercado a proteção a setores sensíveis.

Para Índia e Argentina, o atual estado das negociações está na contramão dos compromissos e mandatos dos negociadores na Rodada Doha, entre eles o princípio de tratamento diferenciado para países em desenvolvimento, que estariam desobrigados de dar total reciprocidade às concessões dos países ricos.

Chiaradia e Pillai argumentam que o rascunho na mesa de negociação exige mais esforços de abertura de mercado dos países do Nama-11 que dos países desenvolvidos. *Valor Econômico, 05/07/08*

Comissão Européia suspende negociações com Comunidade Andina

A Comissão Européia suspendeu a quarta rodada de negociações do acordo de associação com a Comunidade Andina prevista de 7 a 11 de julho, por falta de "posições conjuntas" entre os países andinos, informou ontem a chancelaria equatoriana.

A decisão, diz o comunicado, foi tomada pela Comissão "aduzindo a ausência de posições conjuntas andinas no marco das negociações do pilar comercial, especificamente nos subgrupos de comércio e desenvolvimento sustentável e propriedade intelectual".

As negociações entre a Comunidade Andina e a União Européia começaram em junho de 2008 durante a cúpula de Tarija, quando foi assinado um compromisso entre os presidentes Evo Morales, da Bolívia, Álvaro Uribe, da Colômbia, Rafael Correa, do Equador, Alan García, do Peru e pela União Européia, Tomás Duplá del Moral. *ANSA, 01/07/2008*

Trabalho

Sindicatos querem unir campanhas salariais

As campanhas salariais unificadas devem ser retomadas pelas centrais sindicais a partir deste semestre como estratégia para buscar reajustes superiores à inflação. Entre 1,5 milhão e 2 milhões de trabalhadores com data-base entre agosto e novembro -como bancários, metalúrgicos, químicos e petroleiros- preparam-se para negociar em um cenário de inflação ainda mais alta do que a do semestre passado.

Metalúrgicos da CUT e da Força Sindical já se preparam para a queda-de-braço. "Reivindicaremos aumento real compatível com o crescimento dos setores.", diz Carlos Alberto Grana, presidente da confederação dos metalúrgicos da CUT.

A reação por parte da Força Sindical é a mesma. "O discurso do Copom de que os salários pressionam a inflação é tudo que os empresários queriam ouvir", diz Eleno Bezerra, presidente da confederação dos metalúrgicos da Força.

Para o Dieese, a inflação é "importada". "Nos últimos quatro anos, houve ganho real nas negociações e ninguém falou que os salários pressionavam a inflação", afirma José Silvestre Prado de Oliveira, coordenador de relações sindicais do Dieese. "A inflação é importada, está focada em alimentos e na alta do petróleo. Mesmo que o BC aumente juros, isso terá pouco efeito na inflação. A economia vai se desacelerar, mas esse efeito será sentido principalmente a partir de 2009. Só que na mesa de negociação o impacto da alta do juros é imediato."

Outro fator apontado pelo Dieese é que os aumentos reais obtidos neste ano não são generalizados, foram mais expressivos em setores que mantêm atividade aquecida -caso da construção civil e do ramo metalúrgico. E mais significativos no setor de serviços para categorias cujos salários médios são mais próximos aos pisos salariais -caso de asseio e conservação, segurança e vigilância e comerciários do Nordeste.

Clemente Ganz Lúcio, diretor técnico do Dieese, lembra ainda que, apesar dos aumentos reais, os trabalhadores estão ainda longe de compensar as perdas salariais do passado. O rendimento médio real dos assalariados da região metropolitana de São Paulo equivale a 54% do que era em 1985. Pesquisa do Dieese e da Fundação Seade mostra que há dez anos o rendimento médio real valia R\$ 1.548 (abril de 1998). Em abril deste ano, era de R\$ 1.206.

As categorias que não conseguirem aumentos reais devem negociar incremento nos benefícios, afirma Pedro Jorge Oliveira, assessor econômico do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo. *Folha de São Paulo, 13/07/2008*

Notas

Brasil questiona americanos sobre Quarta Frota

O governo brasileiro discorda da reativação da Quarta Frota Naval dos Estados Unidos no Atlântico Sul, vê com desconfiança as explicações do governo americano para a iniciativa e aguarda explicações mais convincentes de Washington.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva já tinha encarregado publicamente o chanceler Celso Amorim de pedir explicações ao governo George W. Bush. Agora, o ministro da Defesa, Nelson Jobim, vai aproveitar uma viagem aos EUA no final do mês para se informar sobre o tema e fazer um relatório na volta para Lula.

O Comandante da Marinha, almirante Júlio Soares de Moura Neto, que deve acompanhar Jobim, disse à Folha que não há motivo para preocupação, pois a reativação da frota é "um ato administrativo".

Porém, outros setores do governo, inclusive o diplomático, discordam da reativação da Quarta Frota e não engoliram a justificativa de Washington de que a volta dela, depois de quase 60 anos, acontece por "objetivos humanitários" e para o "combate ao tráfico" na região.

Em entrevista, o próprio Lula já tinha manifestado estranheza pelo ressurgimento da Quarta Frota, criada em 1943 diante da ameaça nazista e desmobilizada sete anos depois: "Descobrimos petróleo em toda a costa e, obviamente, queremos que os EUA nos expliquem a lógica dessa frota".

Há especulações, não certezas, sobre os reais motivos. Um deles seria justamente a crise internacional do petróleo, pois o barril passa dos US\$ 140 -um recorde histórico-, e os fornecedores do mercado norte-americano não são confiáveis, a começar pela Venezuela do presidente Hugo Chávez.

A nova frota, assim, seria uma forma de monitorar a rota de abastecimento e os países produtores, como os da África, especialmente Angola e Nigéria, e o Brasil, que se qualifica como um grande produtor mundial a partir da descoberta de novos megacampos.

Em qualquer hipótese, porém, o que incomoda tanto Brasília, mesmo com a avaliação tranquilizadora da Marinha, é a questão estratégica: uma frota da maior potência mundial, como

uma base terrestre, tem enorme peso no equilíbrio de forças de qualquer região. (Folha de São Paulo, 13/07/2008)

Declaración de la Comisión de Juventud - Cumbre Social del Mercosur Tucumán - Argentina

Durante los días 28 y 29 de junio de 2008, en la Ciudad de San Miguel de Tucumán, Argentina, sesionó la Comisión de Juventud e Integración en el marco de la Cumbre Social del Mercosur. En primer lugar se propició un intercambio y debate de caracterización de la actual coyuntura regional en América Latina y en particular en los países miembros del Mercosur.

Se valoró el avance del proceso de integración regional impulsado por pueblos y gobiernos soberanos que se proponen construir un MERCOSUR que contemple las dimensiones políticas, sociolaborales, ambientales y culturales que necesariamente tienen que estar presentes en el actual proceso.

Al mismo tiempo ratificamos nuestro compromiso con los objetivos de la Cumbre Social del MERCOSUR de fomentar la participación de los actores sociales en la discusión del rol del bloque regional, con especial énfasis en la juventud.

En este sentido, acordamos las siguientes propuestas para ser presentadas a las autoridades gubernamentales:

- Respecto de la Reunión Especializada de Juventud (REJ), es pertinente recordar la importancia del rol de la sociedad civil en su constitución tanto como reafirmar nuestra voluntad de continuar trabajando hacia su consolidación y apertura. En este sentido, celebramos las decisiones que recientemente adoptara la REJ respecto de la participación de la sociedad civil, remarcando la necesidad de que dicha participación sea efectiva y representativa.
- Establecer mecanismos de acceso y distribución de información respecto a los avances del Mercosur.
- Avanzar hacia la creación de un Programa de Formación Juvenil sobre el proceso de integración en sus diversas dimensiones, con la meta central de abarcar a todos los países del bloque, así como al interior de cada uno de ellos.
- Promover un Programa de Voluntariado Juvenil como herramienta para reforzar la identidad regional y la ciudadanía mercosuriana.
- En el marco del 90 aniversario de la Reforma Universitaria del '18, se destacó la necesidad de avanzar en un camino común, a nivel MERCOSUR, de resignificación del rol de la Universidad Pública en el desarrollo independiente de nuestras naciones, con la perspectiva futura de crear una Universidad del Sur.
- Respecto del Parlamento del MERCOSUR, proponemos que aborde la temática juvenil a partir del diseño de políticas públicas a nivel regional, y establezca canales de diálogo con las organizaciones juveniles de la sociedad civil.
- Profundizar la perspectiva sociolaboral de los países miembro, impulsando la creación de un Programa Regional de Primer Empleo que apunte a mejorar la realidad de la juventud en el mercado del trabajo y combatir el desempleo, garantizando la formalización y la ampliación de los derechos sociolaborales, así como una jornada de trabajo decente, productivo y compatible con los estudios.

Instar a los países a ratificar la Convención Iberoamericana de los Derechos de los Jóvenes.

Doha e a globalização

Os governos darão um sinal ominoso a todo o mundo, se a Rodada Doha de negociações comerciais atolar em novo impasse na conferência ministerial da próxima semana, advertiu o diretor-geral da OMC, Pascal Lamy, ao apresentar, ontem, o relatório anual da entidade. "Como será preenchido o vazio deixado pela ruptura de uma negociação multilateral das dimensões e da importância da Rodada Doha?", perguntou Lamy. A globalização, segundo ele, não vai parar. O processo continuará, movido por fatores como a inovação tecnológica, mudanças políticas e

práticas empresariais em evolução. O resultado será provavelmente bem melhor, se a integração comercial prosseguir de maneira ordenada, sugeriu o diretor da OMC.

O novo relatório mostra a evolução do intercâmbio de bens e serviços no ano passado e contém um amplo estudo sobre o comércio num período de globalização. "O relatório não poderia vir em momento melhor", disse Lamy, referindo-se ao estágio decisivo das negociações da Rodada Doha. O estudo confirma os efeitos benéficos da globalização, em termos de expansão do comércio e da produção, de modernização e difusão do avanço tecnológico, de racionalização do uso de recursos e de criação de oportunidades para milhões de trabalhadores.

Os autores do relatório, no entanto, não mostram somente os benefícios produzidos pela crescente integração econômica da maior parte dos países. Esses benefícios, admitem, foram distribuídos de forma desigual. A abertura dos mercados, a mudança tecnológica e a redistribuição geográfica da produção, para citar só alguns fatores, produziram desequilíbrios, deixando alguns grupos de trabalhadores em desvantagem. O desajuste foi enfrentado com políticas apropriadas em vários países, mas não em todos. O relatório explora esses problemas e as soluções adotadas, mas o balanço geral é bastante positivo.

Economias emergentes, incluída a brasileira, estão na lista das grandes beneficiárias da integração econômica internacional. Estarão também, segundo outro estudo da OMC, entre as principais ganhadoras de um acordo razoável na conclusão da Rodada Doha.

O governo brasileiro sabe disso, e por esse emotivo apostou tantas fichas no sucesso da negociação multilateral. As novas cartas postas sobre a mesa, com os novos esboços de acordos sobre agricultura e indústria, são mais satisfatórias que as anteriores em vários aspectos. Mas ainda contêm armadilhas, como a possibilidade de ampliação da lista de produtos agrícolas "sensíveis" e sujeitos ao protecionismo. Os negociadores brasileiros deverão dedicar boa parte de seus esforços, na reunião da próxima semana, em Genebra, à tentativa de eliminar essas armadilhas. Se tiverem sucesso, haverá boas possibilidades de um acordo sobre acesso a mercados agrícolas e industriais.

Mesmo com as distorções ainda em vigor e com os efeitos da crise financeira internacional, o comércio continuou a crescer em 2007, como indica o relatório da OMC. Calculada em dólares correntes, a exportação mundial de bens cresceu 15% no ano passado. Entre 2000 e 2007, a expansão média anual foi de 12%.

As vendas brasileiras ao exterior avançaram em média 17% ao ano nesse período e mantiveram esse desempenho em 2007, alcançando US\$ 161 bilhões, 1,19% do total mundial. O desempenho brasileiro foi superado pelo de uns poucos países, como a China (26%), a Índia, a África do Sul e a Alemanha (todas com 20%).

O bom resultado brasileiro foi favorecido em 2007 e continua sendo em 2008 pelos preços dos produtos agrícolas e, de modo geral, dos produtos básicos. Mas a importação cresceu ainda mais no ano passado (32%, uma das maiores taxas indicadas no relatório da OMC) e a tendência se repete em 2008. Mas a expansão das importações não deve ser motivo de preocupação, segundo Lamy, porque está sendo financiada com segurança e decorre basicamente do aumento de consumo dos pobres e das compras de máquinas e equipamentos. Os técnicos da OMC mostram maior inquietação diante da crise internacional, capaz, segundo seus cálculos, de reduzir sensivelmente o crescimento do comércio. Mais uma boa razão, segundo eles, para concluir a Rodada Doha e criar as bases para uma nova etapa de prosperidade global. (*Estado SP, 16/07/08*)

"Los mapas del alma no tienen fronteras"

Eduardo Galeano

*Declarado, por el Consejo de Ministros del Mercosur
el Primer CIUDADANO ILUSTRE del Mercosur*

Nuestra región es el reino de las paradojas.

Brasil, pongamos por caso: paradójicamente, el Aleijadinho, el hombre más feo del Brasil, creó las más altas hermosuras del arte de la época colonial; paradójicamente, Garrincha, arruinado desde la infancia por la miseria y la poliomielitis, nacido para la desdicha, fue el jugador que más alegría ofreció

en toda la historia del fútbol y, paradójicamente, ya ha cumplido cien años de edad Oscar Niemeyer, que es el más nuevo de los arquitectos y el más joven de los brasileños.

O pongamos por caso, Bolivia: en 1978, cinco mujeres voltearon una dictadura militar. Paradójicamente, toda Bolivia se burló de ellas cuando iniciaron su huelga de hambre. Paradójicamente, toda Bolivia terminó ayunando con ellas, hasta que la dictadura cayó.

Yo había conocido a una de esas cinco porfiadas, Domitila Barrios, en el pueblo minero de Llallagua. En una asamblea de obreros de las minas, todos hombres, ella se había alzado y había hecho callar a todos.

–Quiero decirles estito –había dicho–. Nuestro enemigo principal no es el imperialismo, ni la burguesía ni la burocracia. Nuestro enemigo principal es el miedo, y lo llevamos adentro.

Y años después, reencontré a Domitila en Estocolmo. La habían echado de Bolivia, y ella había marchado al exilio, con sus siete hijos. Domitila estaba muy agradecida de la solidaridad de los suecos, y les admiraba la libertad, pero ellos le daban pena, tan solitos que estaban, bebiendo solos, comiendo solos, hablando solos. Y les daba consejos:

–No sean bobos –les decía–. Júntense. Nosotros, allá en Bolivia, nos juntamos. Aunque sea para pelearnos, nos juntamos.

Y cuánta razón tenía.

Porque, digo yo: ¿existen los dientes, si no se juntan en la boca? ¿Existen los dedos, si no se juntan en la mano?

Juntarnos: y no sólo para defender el precio de nuestros productos, sino también, y sobre todo, para defender el valor de nuestros derechos. Bien juntos están, aunque de vez en cuando simulen riñas y disputas, los pocos países ricos que ejercen la arrogancia sobre todos los demás. Su riqueza come pobreza y su arrogancia come miedo. Hace bien poquito, pongamos por caso, Europa aprobó la ley que convierte a los inmigrantes en criminales. Paradoja de paradojas: Europa, que durante siglos ha invadido el mundo, cierra la puerta en las narices de los invadidos, cuando le retribuyen la visita. Y esa ley se ha promulgado con una asombrosa impunidad, que resultaría inexplicable si no estuviéramos acostumbrados a ser comidos y a vivir con miedo.

Miedo de vivir, miedo de decir, miedo de ser. Esta región nuestra forma parte de una América latina organizada para el divorcio de sus partes, para el odio mutuo y la mutua ignorancia. Pero sólo siendo juntos seremos capaces de descubrir lo que podemos ser, contra una tradición que nos ha amaestrado para el miedo y la resignación y la soledad y que cada día nos enseña a desquerernos, a escupir al espejo, a copiar en lugar de crear.

Todo a lo largo de la primera mitad del siglo diecinueve, un venezolano llamado Simón Rodríguez anduvo por los caminos de nuestra América, a lomo de mula, desafiando a los nuevos dueños del poder:

–Ustedes –clamaba don Simón–, ustedes que tanto imitan a los europeos, ¿por qué no les imitan lo más importante, que es la originalidad?

Paradójicamente, era escuchado por nadie este hombre que tanto merecía ser escuchado. Paradójicamente, lo llamaban loco, porque cometía la cordura de creer que debemos pensar con nuestra propia cabeza, porque cometía la cordura de proponer una educación para todos y una América de todos, y decía que al que no sabe, cualquiera lo engaña y al que no tiene, cualquiera lo compra, y porque cometía la cordura de dudar de la independencia de nuestros países recién nacidos:

–No somos dueños de nosotros mismos –decía–. Somos independientes, pero no somos libres.

Quince años después de la muerte del loco Rodríguez, Paraguay fue exterminado. El único país hispanoamericano de veras libre fue paradójicamente asesinado en nombre de la libertad. Paraguay no estaba preso en la jaula de la deuda externa, porque no debía un centavo a nadie, y no practicaba la mentirosa libertad de comercio, que nos imponía y nos impone una economía de importación y una cultura de impostación.

Paradójicamente, al cabo de cinco años de guerra feroz, entre tanta muerte sobrevivió el origen. Según la más antigua de sus tradiciones, los paraguayos habían nacido de la lengua que los nombró, y entre las ruinas humeantes sobrevivió esa lengua sagrada, la lengua primera, la lengua guaraní. Y en guaraní hablan todavía los paraguayos a la hora de la verdad, que es la hora del amor y del humor.

En guaraní, ñeñé significa palabra y también significa alma. Quien miente la palabra traiciona el alma.
Si te doy mi palabra, me doy.

Un siglo después de la guerra del Paraguay, un presidente de Chile dio su palabra, y se dio.

Los aviones escupían bombas sobre el palacio de gobierno, también ametrallado por las tropas de tierra. El había dicho:

–Yo de aquí no salgo vivo.

En la historia latinoamericana, es una frase frecuente. La han pronunciado unos cuantos presidentes que después han salido vivos, para seguir pronunciándola. Pero esa bala no mintió. La bala de Salvador Allende no mintió.

Paradójicamente, una de las principales avenidas de Santiago de Chile se llama, todavía, Once de Setiembre. Y no se llama así por las víctimas de las Torres Gemelas de Nueva York. No. Se llama así en homenaje a los verdugos de la democracia en Chile. Con todo respeto por ese país que amo, me atrevo a preguntar, por puro sentido común: ¿No sería hora de cambiarle el nombre? ¿No sería hora de llamarla Avenida Salvador Allende, en homenaje a la dignidad de la democracia y a la dignidad de la palabra?

Y saltando la cordillera, me pregunto: ¿por qué será que el Che Guevara, el argentino más famoso de todos los tiempos, el más universal de los latinoamericanos, tiene la costumbre de seguir naciendo? Paradójicamente, cuanto más lo manipulan, cuanto más lo traicionan, más nace. El es el más nacedor de todos.

Y me pregunto: ¿No será porque él decía lo que pensaba, y hacía lo que decía? ¿No será que por eso sigue siendo tan extraordinario, en este mundo donde las palabras y los hechos muy rara vez se encuentran, y cuando se encuentran no se saludan, porque no se reconocen?

Los mapas del alma no tienen fronteras, y yo soy patriota de varias patrias. Pero quiero culminar este viajecito por las tierras de la región, evocando a un hombre nacido, como yo, por aquí cerquita.

Paradójicamente, él murió hace un siglo y medio, pero sigue siendo mi compatriota más peligroso. Tan peligroso es que la dictadura militar del Uruguay no pudo encontrar ni una sola frase suya que no fuera subversiva y tuvo que decorar con fechas y nombres de batallas el mausoleo que erigió para ofender su memoria.

A él, que se negó a aceptar que nuestra patria grande se rompiera en pedazos; a él, que se negó a aceptar que la independencia de América fuera una emboscada contra sus hijos más pobres, a él, que fue el verdadero primer ciudadano ilustre de la región, dedico esta distinción, que recibo en su nombre.

Y termino con palabras que le escribí hace algún tiempo:

1820, Paso del Boquerón. Sin volver la cabeza, usted se hunde en el exilio. Lo veo, lo estoy viendo: se desliza el Paraná con perezas de lagarto y allá se aleja flameando su poncho roto, al trote del caballo, y se pierde en la fronda.

Usted no dice adiós a su tierra. Ella no se lo creería. O quizás usted no sabe, todavía, que se va para siempre.

Se agrisa el paisaje. Usted se va, vencido, y su tierra se queda sin aliento.

¿Le devolverán la respiración los hijos que le nazcan, los amantes que le lleguen? Quienes de esa tierra broten, quienes en ella entren, ¿se harán dignos de tristeza tan honda?

Su tierra. Nuestra tierra del sur. Usted le será muy necesario, don José. Cada vez que los codiciosos la lastimen y la humillen, cada vez que los tontos la crean muda o estéril, usted le hará falta. Porque usted, don José Artigas, general de los sencillos, es la mejor palabra que ella ha dicho. (*Argentina, PAGINA 12 , 4 de julio de 2008.*)